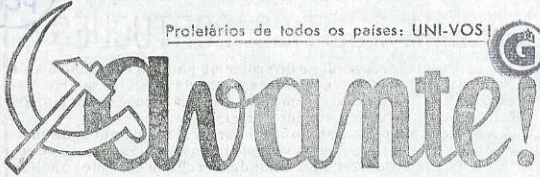




Proletários de todos os países: UNI-VOS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

A pesar das forças repressivas locais terem sido reforçadas a nessa altura com 50 agentes do bando da Pide e destes terem exercido toda a casta de provocações e intimidações, os valentes assalariados rurais de Alpiarça fizeram greve no dia 1º de Maio. Não podendo ir para o campo comemorar este dia devido ao mau tempo, realizaram várias reuniões de convívio nas suas próprias casas.

Também os assalariados rurais da região de Montemor-o-Novo não trabalharam no dia 1º de Maio.

NA CARRIS DE LISBOA:

GREVE DA COBRANÇA DE BILHETES! TRABALHO LENTO — CONCENTRAÇÕES MASSIVAS!

7.000 trabalhadores forçaram o governo a ceder alcançando uma importante vitória!

Ao fim de 3 dias de greve na cobrança de bilhetes, de marcha lenta dos eléctricos e autocarros, numa extraordinária luta que conquistou a admiração e simpatia do povo de Lisboa, 7.000 trabalhadores da Carris conquistaram 20\$00 diários de aumento e o compromisso da revisão da convenção colectiva!

Dando um novo impulso à sua luta que darava há mais de um ano, os trabalhadores da Carris voltaram às concentrações massivas e a outras formas superiores de luta.

As manobras dilatórias, às

ameaças e repressão, responderam os trabalhadores com novas e poderosas concentrações demonstrando estarem absolutamente decididos a levar a luta até à satisfação das suas principais reivindicações.

ideia de que se até ao fim de Junho o aumento não for concedido se deve passar à greve. Efectivamente, no dia 1 de Julho começa a greve de cobrança dos bilhetes.

Esta greve que atinge em cheio os interesses dos monopolistas ingleses da Carris, é absolutamente total e prolonga-se pelos dias 2 e 3 de Julho com apoio completo e entusiasta da população de Lisboa.

Atemorizado com o desenvolvimento da luta e das suas eventuais consequências, o governo, em medida de emergência, é obrigado a ceder a concessão de um aumento de 20\$00 diários.

Vendo que nem as ameaças,

nem a brutalidade repressiva chegam para vencer os trabalhadores e recendo que a luta tome formas ainda mais decisivas e se alargue a outras empresas e classes profissionais de Lisboa, o governo é obrigado a ceder. Embora os 20\$00 diários de aumento não correspondam inteiramente à reivindicação dos trabalhadores, esta conquista representa uma importante vitória que não é de mais salientar.

Entretanto, o governo prepara, com os potentados da Carris, uma nova subida do preço dos bilhetes dos eléctricos e autocarros, lançando, mais uma

(continua na 2.ª pág.)

Cães polícias e polícias cães contra os trabalhadores

No dia 5 de Junho, pelas 17 horas, cerca de 2.000 trabalhadores indiferentes ao aparelho repressivo concentraram-se em frente da administração da Carris exigindo a revisão salarial. A recusa dos patrões ingleses a atender as suas reivindicações, responderam os trabalhadores com novas concentrações nos dias 4, 5, 6 e 7 e uma vez mais o governo fascista lançou as forças repressivas contra eles. No dia 19 dá-se nova concentração, tentando os trabalhadores, apoiados na população, desfilar pelas ruas. A brutalidade da repressão policial que utiliza criminosamente cães polícias conduzidos pelos polícias cães, impediu que os trabalhadores expussem pacificamente as suas reivindicações. No dia 25 verificam-se novas concentrações e novas violências.

Os trabalhadores recorrem a novas formas de luta

Demonstrando uma combatividade extraordinária os trabalhadores recorrem a formas de luta ainda mais elevadas. Recusando fazer horas extraordinárias abandonam o trabalho no justo momento em que terminam as 8 horas. Por este facto alguns autocarros são parados nos sítios mais diversos, incluindo

locais de grande movimento, esperando que outros trabalhadores lhes peguem. Também a marcha dos autocarros e eléctricos é reduzida a baixo do normal.

Entretanto vai-se generalizando entre os trabalhadores a

NOVA GREVE DOS PESCADORES DE MATOSINHOS! A DESPEITO DO TERROR POLICIAL, A FIRME UNIDADE OS PESCADORES IMPÕE UMA VITÓRIA!

Nos dias 1 e 2 de Julho, a greve foi total em Matosinhos. Nenhuma traineira saiu para o mar. Tudo começou com a recusa dos pescadores em receber os \$50 por cabaz de peixe descarregado em vez dos \$50 que reivindicavam.

No sábado, dia 29 de Junho muitos pescadores apresentam-se no grémio para receberem o dinheiro que lhes cabia pelo enchimento dos cabazes. Porém, ao sabermos que o preço pago era de \$50 nem um recebeu! Já na véspera, um pescador que havia recebido os \$50 foi obrigado pelos companheiros a ir devolver o dinheiro.

Continuando a reivindicar os \$50, exigiram dos armadores uma resposta favorável até ao meio dia de segunda-feira dia 1 de Julho.

Como os armadores não ce-

deram, os valentes pescadores recusaram-se unanimemente a descarregar o peixe trazido na manhã desse dia.

Pescadores e mestres não cedem ao terror policial

Então, as autoridades policiais do porto e a Pide intimaram os pescadores a começar a descarga no prazo de 15 minutos. Nem um só cedeu!

Em face disto, os mestres foram responsabilizados pelo que se estava a passar. Cerca das 5 horas da tarde todo o pessoal foi evacuado do cais e fechados os portões. A seguir os mestres das traineiras foram intimados a comparecer na capitania sendo vincado que nenhuma causa justificaria a sua falta.

Os mestres que se apresenta-

ram foram imediatamente presos às ordens da Pide! Em seguida, vários carros com metralhadoras percorreram a vila de Matosinhos (cafés, residências, etc.) à procura dos restantes mestres, sendo presos todos os que foram encontrados. Matosinhos viveu um ambiente de repressão e terror policial.

Terça-feira, dia 2 de Julho encontravam-se presos todos os mestres que foram apanhados dos barcos que haviam trazido peixe no dia 1. Foram submetidos a interrogatórios na Pide.

Centenas de contos de peixe deitados ao mar!

Em face disto no dia 1 já nenhuma traineira saiu para o mar o mesmo sucedendo no dia 2.

(continua na 3.ª pág.)

ONDE ESTÁ A SOLUÇÃO DO PROBLEMA POLÍTICO PORTUGUÊS

A liquidação do imperialismo estrangeiro em território português constitui uma tarefa da revolução democrática e nacional, como muito justamente assinala o Programa do Partido Comunista Português.

Os imperialistas estrangeiros espoliam as riquezas nacionais, intensificam a exploração da classe operária, alargam os seus lucros astronómicos, conquistam novos mercados, baseando-se nos baixos salários dos trabalhadores e nas ricas vantagens que o governo fascista lhes oferece.

Representantes do fascismo salazarista participam lado a lado com os representantes do governo trabalhista inglês, do governo cristão socialista alemão, do governo democrata cristão italiano no bloco agressivo da NATO.

Com armas, aviões e navios fornecidos pelos países da NATO, Salazar reuniu e reorganizou as forças armadas portuguesas. Com bombas da NATO, com metralhadoras da NATO, com aviões da NATO, os colonialistas portugueses abatem os patriotas africanos que lutam pela independência de Angola, Guiné e Moçambique.

Os governantes trabalhistas ingleses, os dirigentes sociais democratas da Alemanha Ocidental não são aliados da luta do povo e dos democratas portugueses, como alguns pensam, mas um apoio da política salazarista, pelos serviços por esta prestados às forças imperialistas daqueles países.

Com justificada razão o camarada Alvaro Cunhal afirmava na sua recente entrevista à Rádio Portugal Livre. «Temos de desmascarar o verdadeiro significado e alcance da ideia que alguns têm espalhado de que a libertação do povo português pode vir do estrangeiro, da pressão daqueles mesmos que apoiam Salazar e exploram a nossa pátria, seja os próprios americanos cujo auxílio alguns têm a desvergonha de procurar, seja leiações do imperialismo como os «socialistas» ingleses de Wilson ou os «socialistas» oeste-alemães de Willy Brandt».

A luta democrática necessita, sem dúvida, da solidariedade internacional e conta com o apoio activo do campo socialista e das forças progressivas à escala do mundo. Mas o derrubamento da ditadura fascista tem de ser obra do povo e dos democra-

tas portugueses. A solução do problema político nacional jamais poderá vir daqueles que sustentam abertamente o regime fascista, o apoiam na ONU e em outras assembleias internacionais ou com ele pactuam ex planos diversos.

A solução do problema político nacional reside antes de tudo na força e capacidade revolucionária das amplas massas populares, na sua organização e unidade. O regime dos monopólios e do imperialismo estrangeiro só pode ser batido pela luta da classe operária, dos camponeses, das massas laboriosas da cidade e do campo.

Os que recriam a acção das massas populares não procuram somente privar o movimento democrático da sua força fundamental. Falsoam a realidade nacional e substituem a prática de uma unidade actuante, com os comunistas e a classe operária, pela política de conluios e de capitulação com os chamados «dissidentes» do regime. Em vez de avançar, a luta democrática reduz a sua eficiência, minada pela divisão.

A solução do problema político nacional baseia-se na unidade de acção das várias correntes anti-fascistas, fundamentada numa plataforma comum, livremente aceite e discutida.

Uma unidade sem organismos unitários, sem objectivos concretos, sem troca de experiências, sem acordos táticos, que é necessário respeitar e aplicar, é uma unidade privada dos meios elementares de acção, dos órgãos e dos objectivos que podem pôr em movimento as camadas populares e os outros sectores sociais anti-monopolistas contra a ditadura.

«De há muito nos declaramos prontos, em qualquer momento, para analisar em comum com todos os sectores anti-fascistas que o desejem todos os problemas da luta anti-fascista, para estudar em comum as experiências, debater ideias, procurar definir em comum um programa e uma tática, encontrar formas estáveis, regulares e eficientes de coacção» — afirmou o secretário geral do Partido Comunista Português na sua entrevista à Rádio Portugal Livre.

O nosso esforço em favor da unidade não regateia sacrifícios. Lutamos sem tréguas para servir a causa da classe operária e do povo, para conquistar a democracia.

A GREVE DA CARRIS

(continuação da 1.ª pág.)
vez, sobre o povo de Lisboa, os encargos resultantes do aumento de salários, em vez de ir buscá-los aos fartos lucros arrecadados por aquela poderosa companhia.

A revisão da convenção de satisfação completa às lhadores, deve constituir

A vitória agora alcançada não termina a luta dos trabalhadores da Carris. A própria nota oficiosa do ministério das corporações diz claramente que os ajustamentos salariais obtidos não prejudicam o prosseguimento das negociações. Assim, os trabalhadores da Carris, fortalecidos com a rica experiência adquirida, com a consciência da sua força, com o reforço da sua unidade e organização, caminharão no sentido de impor ao patronato e ao governo a revisão da convenção colectiva de trabalho de modo a satisfazer as suas principais reivindicações.

Trabalhadores da Carris de Lisboa!
Em nome da classe operária e de todos os trabalhadores do

colectivo de trabalho que reivindicações dos trabalhadores uma nova fase da luta

país, o Partido Comunista Português saúda-vos calorosamente pela luta que travastes e pela vitória que alcançastes!

A vossa vitória só foi possível porque ao longo de muitos meses vos mantivestes firmes e unidos na luta. Firmes e unidos deveis continuar até à satisfação de todas as vossas reivindicações!

Saudando os trabalhadores da Carris de Lisboa pela sua esplêndida vitória, o Partido Comunista Português aponta o seu exemplo de luta aos demais trabalhadores de Portugal muito particularmente aos dos caminhos de Ferro da Carris do Porto!

Avante por novas lutas e novas vitórias!

LIBERTEMOS PIRES JORGE E SOFIA FERREIRA

Mais uma vez na Fortaleza de Peniche, após a transferência do Hospital-prisão, Pires Jorge continua com a saúde gravemente abalada.

Nas virtudes de combatente da liberdade de que Pires Jorge é o exemplo, encontrarão a classe operária e os trabalhadores, os jovens, democratas e partidários da paz de Portugal o estímulo que os levará, através da organização e unificação

de esforços, do amplo desencadeamento de iniciativas, à conquista do objectivo que a todos se impõe: Libertar PIRES JORGE. Salvar PIRES JORGE.

Também na Fortaleza de Caxias, SOFIA FERREIRA com a pena cumprida, continua a angustiosa situação de ver extinguirem-se as únicas possibilidades de salvar uma gravíssima situação de saúde que exige, em liberdade, tratamento cirúrgico imediato.

Multiplicamos as acções pela libertação imediata de PIRES JORGE e SOFIA FERREIRA.

Multiplicamos o envio de abaixo-assinados, cartas, postais, telefonemas, às autoridades fascistas.

DINIZ MIRANDA

um alto exemplo de comunista

Diniz Miranda, o operário agrícola de Montoite, o militante responsável do Partido Comunista Português, que o tribunal plenário de Lisboa condenou a 5 anos e 8 meses de prisão maior e a «medidas de segurança», pertence à falange de lutadores comunistas que o escritor soviético Neum Mar designou de «homens fortes como rochedos» no livro com este título, consagrado à luta dos comunistas portugueses.

Aos 19 anos, Diniz Miranda conheceu os cárceres e a brutalidade fascista. A sua consciência de explorado manifestou-se numa luta de trabalhadores rurais, em Montoite, sua terra natal. Este embate com a repressão fascista não o amedrontou. Revelou-lhe que a luta é dura e que os seus combatentes devem ser homens corajosos e tenazes.

Em 1955 voltou a ser preso. Diniz Miranda dera já provas suficientes para ascender, pelos seus méritos, à Comissão Central do MUD Juvenil.

Os suplícios que Diniz Miranda suportou nas longas noites de martírio, entre as mãos dos assassinos da PIDE, foram dos mais hediondos. Costas e pernas ficaram numa massa arroxeada. Deslocaram-lhe o braço direito. Pertriram-lhe os ossos do nariz. Os esbirros salazaristas lançaram no ar, repetidas vezes, e deixaram-no cair desamparado no chão. Torceram-lhe os testículos. Diniz Miranda teve um comportamento heroico, que lhe granjeou um indiscutível prestígio entre a juventude.

Em 1959 voltou a ser preso. Tornara-se um militante activo do Partido Comunista Português. Em Dezembro desse mesmo ano evadiu-se da colónia penal de Paços de Ferreira e re-

tomou o seu posto na luta clandestina. Diniz Miranda adquirira uma maior experiência e elevará-se a cargos de responsabilidade.

Em Maio de 1967 a Pide prendeu-o pela quinta vez. No acto da prisão fez gofo sobre ele e só ocasionalmente o não atingiu. Foi agredido à coronhada. Diniz Miranda, apesar de ferido, tentou desembarcar-se dos esbirros da Pide e lutou contra eles.

Nos antros da Pide, foi submetido à tortura do sono; durante 15 dias consecutivos, alguns dos quais num quarto especial, onde o sujeitaram a emanações de gás, que quase o sufocaram.

De novo Diniz Miranda deu provas do seu desvotamento. Não falou. Mantve a boca cerrada.

A 24 de Janeiro do corrente ano, diante do tribunal plenário de Lisboa, Diniz Miranda, o operário agrícola de Montoite, arguiu a sua voz para denunciar a ditadura fascista e os crimes da PIDE para defender os nobres ideais do comunismo, para ressaltar a sua fidelidade à causa do proletariado e do seu Partido.

Honroso exemplo de comunista, que se soma a outros bem recentes e vivos: de Domingos Abranches, Ildio Esteves, Rogério de Carvalho, Guilherme de Carvalho, Maria da Conceição, Mariana Janeiro, Aida Paula, Lígia Calapez, Seldaninha Sanchez, combatentes abnegados que nas horas de tortura ou nos juízes fascistas mantiveram uma conduta exemplar, uma atitude de firmeza e de coerência, que honram sobremaneira a causa da Democracia e do Socialismo, a que devotaram as suas melhores energias.

TRABALHADORES! INTENSIFIQUEI AS VOSSAS LUTAS



OS TRABALHADORES DA TÊXTIL DEVEM DEFENDER OS SEUS INTERESSES

A indústria têxtil está em crise. Quais as causas dessa crise? As causas dessa crise residem na política económica do governo voltada para a exportação, aliada à ganância dos industriais, à redução do mercado externo, ao baixo poder de compra do povo, à acção dos grandes bancos, à política de concentração industrial, à penetração imperialista no nosso país.

Várias empresas fecharam as suas portas, ignorando a situação em que ficava o seu pessoal. Outras passaram a laborar 5 e 4 dias por semana. Os salários dos trabalhadores, demasiado baixos, quando foi elaborado o último contrato colectivo, estão hoje muito mais reduzidos no seu poder de compra, em face do incessante aumento do custo de vida. Os industriais e o governo fascista, responsáveis pela actual situação, não querem ouvir falar em aumento de salários nem noutras reivindicações dos têxteis.

Que devem fazer os trabalhadores desta indústria? Tomar a peito a defesa dos seus interesses. Fecham empresas? Reduzem-se os dias de trabalho? É necessário organizar a luta contra o desemprego, sob a palavra de ordem pão ou trabalho.

São baixos os salários? Os operários têxteis não podem renunciar à luta por aumento de salários, como não podem desistir da satisfação de outras reivindicações. Eles não podem fazer o jogo dos industriais e do governo.

Em face do desemprego, dos baixos salários, dos roubos, das multas e castigos, da falta de protecção no trabalho, de falta de assistência, das mil formas de exploração, os operários têxteis só têm o caminho de luta. Luta nas empresas e no sindicato pela conquista das suas reivindicações. Luta que se baseia na sua unidade e organização.

Só assim poderão fazer triunfar as suas mais legítimas aspirações.

NOVAS GREVES — NOVAS PARALISAÇÕES por aumento de salários

Em empresas e classes profissionais os trabalhadores lutam activamente por melhores condições de vida.

OLHÃO — No passado mês de Maio as valentes operárias deste importante centro da indústria de conserva de peixe, fizeram greve durante dois dias em apoio da sua reivindicação de aumento de salários.

Abandonando o trabalho centenas de operárias sentaram-se nos passeios das ruas, junto das fábricas e na estrada que liga Olhão a Faro, dificultando e obrigando mesmo a paralisar o trânsito. Esta original forma de luta chamou a atenção da população para a greve das conserveiras.

SETÚBAL — Ao tomarem conhecimento da luta das suas camaradas de Olhão, as conserveiras de Setúbal lançaram-se

também em greve reclamando um aumento de 1\$70 por hora, isto é, de 5360 para 5830.

Ao fim de alguns dias de greve alcançaram uma vitória, obtendo um aumento de 1\$40 por hora. No decorrer deste importante luta teriam sido presas cerca de 100 operárias, cuja libertação pouco depois mostrou mais uma vez que quando a luta é massiva e se trava com firmeza e determinação os inimigos dos trabalhadores são obrigados a ceder e a recuar.

BARREIRO — Entre as operárias da Cordoaria Nicola vinha crescendo o descontentamento contra os baixos salários, a miséria de 24\$00 por dia.

Com o objectivo de dividir as operárias os patrões deram pequenas aumentes a algumas. Numa bela manifestação de unidade e firmeza logo TODAS largaram o trabalho e reclama-

ram o aumento de 1\$70 por hora, isto é, de 5360 para 5830.

Posteriormente a Pide prendeu alguns pescadores, membros da comissão de unidade. Estas prisões mantinham-se ainda ao encerrar esta notícia.

Valentes pescadores de Matosinhos! Mais uma vez a vossa unidade e firmeza vos deu a vitória!

Continuai unidos na luta pela caldeira e restantes reivindicações!

Não permitis a prisão de um único camarada!

Concentrações de trabalhadores POR AUMENTO DE SALÁRIOS

Fábrica de papel de Oeiras

Os operários e operárias desta empresa fizeram duas concentrações nos escritórios para reclamar aumento de salários.

Na tentativa de intimidar os trabalhadores, o patrão tem-se servido de todos os estratagemas, chegando a referir-se à prisão de um antigo operário da fábrica pela PIDE em meados do ano passado.

Para responder às ameaças veladas do patronato e forçá-lo a atender sem demora a sua reivindicação, os trabalhadores só têm um caminho: reforçar a sua unidade e prosseguir corajosamente a sua acção.

Sociedade Estoril

Para reivindicar aumento de salários, os trabalhadores fizeram uma concentração nesta empresa.

A melhoria substancial de salários é um problema vital para os trabalhadores da Sociedade Estoril.

Este potentado ferroviário

elevou, há alguns meses, com o acordo do governo, o preço dos bilhetes de passageiros e dos depósitos de embrulhos e mercadorias, aumentando assim, substancialmente, o nível dos seus lucros.

Entretanto os potentados da Sociedade Estoril resistem à reclamação do seu pessoal para que lhe seja concedido um aumento de salários, correspondente à subida do custo de vida.

Trabalhadores da Sociedade Estoril! Persisti na luta até à satisfação das vossas reivindicações.

Realizai novas e mais potentes concentrações junto da gerência e do sindicato.

Onde está o contrato colectivo das conserveiras

Voltaram a reunir-se a Corporação das Conservas e os dirigentes sindicais, que de novo analisaram o problema do contrato colectivo das operárias conserveiras prometido há mais de dois anos. Mas até agora não há novas nem mandado do contrato.

Que devem fazer as conserveiras? Forçar o patronato a cumprir as promessas. Organizar a luta para que sejam aumentados os salários, para que sejam satisfeitas as suas reivindicações, várias vezes formuladas nas colunas do «Avante!».

A laboração das fábricas favorece a organização e desenvolvimento da luta.

Conserveiras e conserveiros! Não aguardes de braços cruzados.

Organizai as vossas comissões de unidade. Estabelecei ligação entre vós, para concertar a luta em cada centro industrial e à escala do país. A vossa união faz a força. Concentrai-vos no sindicato e exigei que vos seja dado conhecimento sobre o andamento do contrato. Exigi que este seja assinado de acordo de aprovado por vós. Ide em massa à gerência para reclamar aumento de salários e a satisfação das vossas reivindicações.

NOVA GREVE DOS PESCADORES DE MATOSINHOS

(continuação da 1.ª pág.)

O peixe que no dia 1 os pescadores se negaram a descarregar teve que ser lançado ao mar já deteriorado.

Havendo miséria nos lares dos pescadores, recusando-lhes o direito ao peixe da tradicional caldeirada, os armadores e as autoridades policiais preferem lançar o peixe ao mar a ceder à sua justa reivindicação!

Porém, face à firmeza dos pescadores e também dos mestres, os armadores foram obrigados a ceder os \$50 reivindicados, sen-

POVO PORTUGUÊS! ORGANIZAI A LUTA O PREÇO DO PÃO VAI AUMENTAR

Após meses de conflitos entre o governo fascista e os industriais de panificação, o preço de pão vai ser aumentado. Mais uma vez os governantes salazaristas se colocam do lado dos poderosos contra o povo. Mais uma vez o povo deve escolher o caminho da luta, reagir desde já contra o aumento do preço

do pão, através de reuniões, de concentrações, de protestos, de abaixo-assinados, de manifestações de rua.

Só a luta da classe operária, só a acção organizada do povo, só a activa participação das mulheres poderá evitar que o governo fascista aumente o preço do pão.

VIGOROSAS LUTAS DOS ESTUDANTES DE LISBOA E PORTO

GREVE DOS PONTOS DE MATEMÁTICA NA FACULDADE DE ECONOMIA DO PORTO

Enquanto decorre vitoriosamente a greve de um dia dos estudantes do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras de Lisboa, conforme foi noticiado no número anterior do «Avante!», os estudantes do 1.º ano da Faculdade de Economia do Porto davam igualmente eloquentes provas de unidade, consciência e combatividade na luta pelos seus interesses pedagógicos, realizando com êxito a greve aos pontos de Matemáticas Gerais nos dias 28 e 29 de Março.

Eram ilegais os pontos eliminatórios que lhes queriam impor. Porém, com manobras pedagógicas, as autoridades académicas insistiam em pronunciar-se pela «legalidade» dos pontos.

Numa cadeira em que a percentagem de 60% de reprovações anuais é já verdadeiramente alarmante, tal medida significava ainda um agravamento da situação.

Ante a resistência oposta aos seus argumentos, os estudantes concluíram com razão que era impossível resolver pelo diálogo este grave problema. Tornava-se indispensável recorrer a novos métodos de luta e mobilizar para a acção todos os estudantes atingidos.

Num documento posto a circular e em que os estudantes do 1.º ano decidiram não fazer os pontos, convocava-se uma Reunião Geral. Um abaixo-assinado com 160 assinaturas apoiando o pedido de Reunião Geral de Alunos, por parte da Comissão Organizadora, enquanto vários grupos de estudantes continuavam a pressionar junto dos professores, obrigaram o reitor a autorizar a reunião.

A reunião geral do dia 27 foi um importante passo para a vitória, em que os estudantes determinaram a sua unidade e determinação. Apesar das aulas e pontos de outras cadeiras, a reunião teve a participação de 120 estudantes que decidiram por esmagadora maioria não comparecer aos pontos. Uma Comissão

delegada constituída por 12 elementos foi eleito o fim de assegurar o esclarecimento de professores e estudantes do decisão tomada.

Às 8h da manhã seguinte, a primeira turma de Matemática Gerais recusava-se em massa a fazer o ponto. Nas turmas seguintes dos dias 28 e 29 de Março, havia propriamente «pique» de asseclamento. Os próprios estudantes concentrando-se em massa à porta das aulas, cumpriram essa missão.

Desta forma, cerca de 400 alunos inscritos nas aulas, apesar de repetidos por 12 turmas diferentes e com o ponto marcado a horas diferentes, recusavam-se unânime e colectivamente a fazer pontos. Nesto um estudante «furo» a greve, nem um só aluno a decisão colectiva tomada na Reunião Geral.

Após o êxito da sua greve, os estudantes não podem esquecer que apenas uma batalha foi vencida.

A luta contra os pontos eliminatórios deve preparar a luta contra as reprovações massivas, que atinam igualmente outras Faculdades, tais como as de Ciências e de Arquitectura, onde os problemas pedagógicos são os mesmos.

Concentrações de estudantes NO INSTITUTO INDUSTRIAL DO PORTO

A luta dos estudantes portugueses pela conquista dos seus direitos associativos é multiforme e corajosa. Assim o demonstram as recentes acções dos estudantes do Instituto Industrial do Porto.

Aos pedidos dos estudantes para a realização de uma reunião geral numa das salas do Instituto, o director Aires de Lima digno subordinado de Galvão Teles, respondeu com atitudes de sabotagem, oscilando entre a recusa formal e a autorização, seguida de actos arbitrários e de feição policial, que levaram ao encerramento das instalações da CSAIP.

Os estudantes, porém, reagiram corajosamente aos actos do director, das mascarando no seu Comunicado e no dia marcado ocuparam os corredores do Instituto e ali realizaram reunião, na qual foram eleitos para uma comissão de defesa do CSAIP e contra a Mocidade Portuguesa.

Dois dirigentes do CSAIP foram suspenso da frequência das aulas, proibidos de entrar no Instituto e ameaçados de instauração de um processo disciplinar. Ante esta violência do director, os organismos associativos dos estudantes do Instituto foram para uma concentração de protesto em frente do Instituto. Apesar das forças do PSP e da PIDE, que cercaram o edifício do lado da rua do Breyer, centenas de estudantes conseguiram penetrar no Instituto. Avançaram o director Aires de Lima refugiou-se no secretariado, que os estudantes invadiram por força de uma «cavada».

Ante a combatividade e unidade estudantil o director autorizou uma reunião geral, prometiu reabrir as instalações do CSAIP e levou os estudantes a fazerem contra os dois dirigentes associativos. Prometeu igualmente apresentar ao ministro da Educação os reivindicações dos estudantes.

Cerca de 400 estudantes reuniram-se na Secção Regional do Ordem dos Engenheiros, elaboraram o texto e apresentaram ao ministro, desforçaram a comissão delegada que devia acompanhar o director de Instituto a Lisboa.

Porém Aires de Lima reagiu com a decisão de um «cabarde». Anulou todas as promessas feitas, manteve as determinações anteriores.

A recepção dos estudantes não se faz



Concentração de 1.000 estudantes em Lisboa luta unida contra a comissão administrativa na Faculdade de Ciências de Lisboa

Ao prolongar indelicadamente a existência da Comissão Administrativa na Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa, um recente despacho ministerial procura eternizar uma situação arbitrária que só pudera ser inicialmente imposta como provisória, num momento em que as autoridades académicas temiam que o escândalo levasse a uma fase superior de luta a indignação estudantil.

Decretando agora sarrateiramente este despacho, os fascistas não contavam com a pronta e viva reacção dos estudantes. Um abaixo-assinado dirigido ao reitor foi posto a circular em toda a Universidade exigindo a normalização da vida da Associação dos Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa

através de eleições para a directiva. Num curto intervalo, mais de 700 assinaturas já tinham sido recolhidas.

A franca adesão dada a esta iniciativa pelas massas estudantis levou o Conselho Escolar a apoiar a maioria das reivindicações formuladas pelos estudantes, nomeadamente a realização de eleições.

Os fascistas procuraram sufocar o ímpeto combativo que animava os estudantes, ao verificarem que o descontentamento na Universidade se traduzia em luta unida. Por isso, recorreram sem demora aos velhos métodos de repressão violenta. Agentes da Pide caíram sobre dezenas de estudantes, espancaram-nos brutalmente na noite de 8 de Maio, quando estes se dirigiam para o Instituto Superior Técnico.

Porém, nem a intimidação nem a violência conseguiram evitar que, no dia seguinte, cerca de mil estudantes se concentrassem na reitoria para protestar contra o despacho do Ministério de Educação Nacional e aplicar a entrega do abaixo-assinado ao reitor. Unidos e firmes, empunhando cartazes com inscrições como «Eleições na AFCL», «A Comissão Administrativa são fanticheles», os estudantes forçaram o reitor a receber uma delegação que então foi constituída.

Entretanto, perante os promesses dilatórias do reitor o movimento não foram novatas as suas justas reivindicações, os estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa não podem deixar afrouxar sua acção. Ao mesmo tempo que lutam contra o sistema de ensino, a Comissão Administrativa, devem transformá-la na prática num corpo estranho à vida associativa, isolada e imponente, conquistando todas as estruturas da sua Associação e limitando o poder fascista, contra o atraso do Ensino.

VIETNAM O PASSO PARA A PAZ

Não gente bem intencionada que considera aceitável, como base para a paz no Vietnam, a formula de Saito António, apresentada pelo presidente Johnson. Desse modo se coloca no mesmo plano os agressores americanos, que levaram ao Vietnam a ocupação e a morte, e um povo martirizado, que no meio de destruições inauditas, de sacrifícios imensos, de um heroísmo exemplar, quer viver livremente.

A paz no Vietnam é incompatível com os actos de guerra dos Estados Unidos, com os crimes mais bárbaros, com os bombardeamentos massivos, com a fúria repressiva que atinge um povo inteiro e o procura submeter à lei do invasor.

Quando os bombardeiros cessarem de despejar bombas, quando os soldados americanos deixarem de pressionar o gatilho, quando novos contingentes de tropas dos Estados Unidos pargem de descer na terra do Vietnam e as que ali estão se dispuserem a regressar ao seu país — por ser inútil e indesejável a sua presença — a paz baixará sobre o Vietnam arrasado, mutilado, sobre o seu povo que escreve a mais grandiosa epopeia de libertação.

As conversações de Paris não avançam porque os imperialistas dos Estados Unidos não se dispõem a dar o único passo que conduziria à paz: o da cessação incondicional dos bombardeamentos e de outros actos de guerra.

Obrigá-los-ão a força do heroísmo desse povo magnífico, a sua luta sem tréguas, o seu firme propósito de viver em paz e liberdade.

Obrigá-los-ão as poderosas forças do socialismo e da paz do mundo inteiro em cuja torrente de solidariedade se devem integrar os actos da classe operária, da juventude, das mulheres, dos intelectuais de Portugal, em defesa do Vietnam.

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL AOS ESTUDANTES

Num abaixo-assinado dirigido ao Presidente da República, mais de 5.500 jovens que estudam na União Soviética protestaram contra o fascismo salazarista e a sua política de repressão, exigindo a libertação imediata de todos os estudantes presos, destacadamente José Bernardino, Saldanha Sanchez, Lígia Calapez e Jorge Araújo. Os signatários do documento pertencem a 97 países, dentre os quais, dada a impossibilidade de sua inteira relação, mencionaremos apenas: URSS, Arábia, Angola, Guiné, Moçambique, Brasil, França, Checoslováquia, Itália, Espanha, Vietnam, Roménia, Uruguai, etc.

